

Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo

Peripheral youth, gender, sexuality and State violence: notes from an LGBT family in the city of São Paulo

Vitor Grunvald



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10508>

DOI: 10.4000/pontourbe.10508

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Vitor Grunvald, «Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10508> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10508>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma *família* LGBT na cidade de São Paulo

*Peripheral youth, gender, sexuality and State violence: notes from an LGBT
family in the city of São Paulo*

Vitor Grunvald

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 11/11/2020

Aceitação / Accepted 23/05/2021

Todas as famílias LGBT, consciente ou
inconscientemente, lutam pelo espaço da cidade
Elvis Justino Stronger, em *live* promovida pelo
Consulado das Famílias LGBT

- 1 Família Stronger é o nome de um coletivo LGBT periférico¹ da cidade de São Paulo. Surgido em 2006, é uma das famílias LGBT que ocupam e atravessam diariamente o tecido urbano da metrópole paulistana. Longe de indicar necessariamente laços de consanguinidade que, vez ou outra, podem também estar presentes, as relações de parentesco construídas nessas famílias se aproximam mais do que David Schneider (2016[1968]), em seu clássico estudo sobre parentesco americano, chama de “solidariedade difusa e duradoura” e que Janet Carsten (2000) elaborou, posteriormente, no conceito de Autor0000-00-00T00:00:00Arelacionalidade [relatedness].

- 2 As famílias LGBT ou famílias da noite, como dizem os antigos, são redes de suporte e compromisso mútuos, afeto e sociabilidade construídas a partir de relações de parentesco que, em sua forma atual, existem a partir dos anos 2000. Tive contato com esses coletivos através de Elvis Justino Stronger, representante político da Família Stronger, com o qual encontrava regularmente em espaços de ativismos que nos eram comuns.²
- 3 O contato que deu origem à presente pesquisa surgiu quando Elvis me consultou sobre a possibilidade de elaboração de um vídeo curto que pudesse usar nas comemorações dos dez anos do coletivo. Ao me dar conta da potencialidade etnográfica do universo social e imagético que gira em torno da Stronger, como é usualmente chamada, propus, já nesse primeiro encontro, a realização de um projeto de investigação audiovisual de longo prazo no qual eu os acompanharia e produziria, a partir dessa interação, materiais que não se restringissem a um vídeo de modelo institucional.
- 4 Logo em seguida, discuti a ideia com Paulo Mendel, artista e realizador audiovisual, que, com entusiasmo, conversou comigo sobre o material. Paulo, amigo de longa data, havia me dito, em uma conversa meses antes do pedido de Elvis, que gostaria de fazer algum projeto sobre micropolítica com grupos compostos por mulheres, negros ou pessoas LGBTQIA+. Algo que não fosse apenas uma proposta audiovisual, mas também socialmente significativo. Desse encontro, nasceu o projeto.³
- 5 Aqui, busco explorar materiais provenientes desse trabalho de campo e seus materiais audiovisuais também de forma conjugada com outros estudos acadêmicos, entrevistas, depoimentos, matérias de jornal e lives realizadas em redes sociais digitais. Meu objetivo é elucidar, primeiramente, em alguns aspectos de seu fazer-família, isto é, na maneira como esse coletivo se constitui e opera. Posteriormente, passo para algumas modalidades de seu fazer-cidade, ou seja, a centralidade que a vivência e a ocupação do espaço citadino possuem nesse processo, bem como os usos do espaço permitem recolocar a questão da juventude e geracional sob outro prisma. E, por fim, elucubro sobre o lugar da violência na experiência urbana dessa juventude periférica levando em conta tanto suas formas de organização social quanto a crescente politização das famílias LGBT.

Famílias LGBT

- 6 Em texto publicado em 2016 na revista eletrônica *Geni* e intitulado *Quem manda na noite. Vivência em uma família LGBT*, Elvis Justino Stronger traça genealogia que remonta ao final da década de 1960. Nela, a taxonomia se presta à explicitação de distintos tipos de *famílias LGBT* no sentido de marcar suas especificidades, a maneira como se organizam interna e politicamente e (r)existem e interagem na vida citadina paulistana.
- 7 Elvis é, de fato, um grande pesquisador engajado numa espécie de estudo socioantropológico e histórico das próprias *famílias LGBT*. Ainda que seus desejos em nada o aproximem da relação que nós, cientistas sociais, estabelecemos com a produção intelectual que referimos a essa noção de estudo.⁴
- 8 Ainda sim, esse reconhecimento de suas elaborações ou representações – para usar o termo mais comum associado a “nativos” – é questão ética importante tanto para a realização acadêmica de pesquisas antropológicas quanto para a realização audiovisual de documentários. Pelo menos, as que busco levar adiante. Como argumenta Roy

Wagner (1981), não importa apenas que “todas somos nativas”, mas igualmente que “todas somos antropólogas”, o que implica, como argumenta Benites (2007, p.123), que “a etnografia [o documentário] que praticamos deve estar aberta à criatividade daqueles que estudamos”.

- 9 Desde o momento que encontrou as *famílias LGBT*, Elvis passou a buscar referências históricas que o possibilitassem estudar esse fenômeno. Algumas das gravações foram produzidas ativamente por sua própria investigação, como a realizada no dia 06/04/18, com a *drag queen* Kaká DiPolly. No dia 2 de abril de 2018, em mensagem pelo *WhatsApp* para o grupo do projeto, Elvis disse:

Gente estou querendo ir na biblioteca da falcu / De sociologia e biblioteconomia de são Paulo [Escola de Sociologia e Política - FESPSP] / Pra ver se acho algo sobre famílias lgbt / Claro que não terá esse nome kkkkk / Mas posso achar registro de lgbt vivam Unidos em casas ou curtijos / Quero ver se consigo marca com a Kaká di poli / Kaká é a última grande Dama da noite viva e pode nos ilucidar muito sobre as famílias da noite”.

- 10 A taxonomia construída por Elvis Stronger (2016) é dividida em *famílias “primitivas”, famílias “medievais”, famílias rolezinho, famílias “modernas” e famílias “pós-modernas”*.⁵ As famílias com as quais tivemos contato ao longo do trabalho de campo são, em geral, *modernas* ou *pós-modernas*, isto é, caracterizadas por um sobrenome distinguível, com brasão e logotipo respectivos, estruturadas a partir de regras de entrada e permanência e, no caso das últimas, marcadas por uma politização que culmina em processos como eleições internas para decidir quem lidera a família ou mesmo formação de ONGs.
- 11 Essa classificação não é necessariamente temporal, já que distintos tipos de família coexistem no presente. Também tivemos contato com famílias que, segundo nos disseram, são *monarquias*, como a *família Vallentyne Lawiny*, cujo pai é Douglas Vallentyne Lawiny que “decide tudo sobre a família, tem vontade soberana”. A única família que Elvis refere como *pós-moderna* é a *D’Matthah*, pois um de seus traços fundamentais é a constituição, a partir da família, de uma ONG – ou *CNPJ*⁶, como dizem – num processo que já é conhecido em relação a coletivos *LGBTQIA+* associados a espaços ou atuações ativistas.⁷
- 12 Ainda que Elvis remonte o surgimento das famílias à década de 1960, essa genealogia está longe de apresentar consenso. Fuh Miguel, pai da *família D’Matthah*, por exemplo, em reunião do *Consulado das Famílias* que acompanhamos em 10 de março de 2018, disse não concordar com essa caracterização, vendo as famílias, de fato, como formação social característica dos anos 2000 e tributária das redes sociais.⁸
- 13 A *Stronger* é um tipo de formação familiar que não chega a ser conceitualmente nova para o escopo analítico-teórico dos estudos sobre família e parentesco. As reflexões empreendidas por David Schneider são um marco para entendermos as transformações nas discussões antropológicas sobre parentesco e família a partir da segunda metade do século XX. Essas considerações, em grande parte, promoveram uma desconstrução das categorias clássicas a partir das quais o parentesco era pensado na antropologia. Inicialmente, com *American Kinship* (1968), o deslocamento retirou a ênfase das noções de aliança e descendência em direção às de “substância natural” ou “relação biogenética” (sangue), da “ordem da natureza”, e “solidariedade difusa e duradoura”, da “ordem da lei”.
- 14 Posteriormente, com o emblemático *A critique of the study of kinship* (1984), Schneider tece uma veemente crítica às categorias antropológicas de parentesco e família,

denunciando-as como noções essencialistas e etnocêntricas impregnadas pelos valores da própria sociedade dos antropólogos, fortemente ancorados na noção de consanguinidade. No bojo da problematização da maneira como nossas concepções de parentesco e família são marcadas pela consanguinidade e dessas rearticulações teóricas e conceituais é que surge o conceito de relacionalidade [relatedness] (Carsten, 2000).

- 15 Este conceito remete a formulações de parentesco cujas conexões não dependem seja da sanção biológica dos fluidos corporais, seja da sanção da legislação vigente para se considerarem relações familiares. Essas relações constituem o que Marshall Sahlins (2013) denominou “mutualidade do ser”, isto é, a noção de que “parentes são pessoas que participam intrinsecamente umas da existência das outras; são membras umas das outras” (p.ix, tradução minha).
- 16 O ressurgimento da família como tema de interesse antropológico, após relativo desinteresse disciplinar, ocorre só no final dos anos 1990, quando há mudanças de comportamento familiar devido a fatores como as novas tecnologias reprodutivas, os processos de adoção internacional, as transformações nas relações de gênero e novas conceituações sobre a constituição de laços afetivo-legais que passam a incluir a união ou casamento homoafetivo, bem como a homoparentalidade (Fonseca, 2010).
- 17 Na esteira desse processo, os cruzamentos com perspectivas feministas e estudos sobre gênero e sexualidade lançaram renovada luz sobre a ideia de que não podemos pensar família e parentesco, noções aí praticamente eclipsadas, como entidades autocontidas, mas, diversamente, a partir das relações que esses domínios estabelecem com questões relativas a política, institucionalidade, legalidade, tecnologias, saúde etc.⁹
- 18 Certamente, não se trata de erigir um museu de grandes novidades. No que concerne à noção de homoparentalidade, se, por um lado, ela aponta para a reestruturação de laços familiares ditos tradicionais, isto é, aqueles marcados pela relação biogenética, por outro lado são muitos os aspectos que a aproximam de formas de organização familiar tidas como convencionais ou, dizem alguns, tradicionais (Uziel, Mello e Grossi, 2006, 2007).Autor0000-00-00T00:00:00A¹⁰
- 19 De qualquer forma, a noção de “famílias que escolhemos” (Weston, 1992), produzida pelo cruzamento das discussões sobre família e parentesco com os então chamados “estudos gays e lésbicos”, é importante para nos aproximarmos dos sentidos de família produzidos na e pela *Stronger*. Quando a sexualidade corta o tecido social da família biogenética, instaurando violência onde se supunha segurança, outra noção de família acaba por se projetar para além desse núcleo. O que, escusado dizer, não significa a negação dos laços biogenéticos. Como argumenta,
significativamente, as famílias escolhidas não se opõem diretamente aos modos genealógicos de calcular o parentesco. Em vez disso, eles minam o status da procriação como um termo central suposto de fornecer o modelo para todas as relações de parentesco possíveis. Ao deslocar, em vez de desautorizar o simbolismo biogenético, o discurso sobre as famílias gays se move obliquamente em direção ao futuro, respondendo às formas hegemônicas de parentesco não com um contramovimento defensivo, mas habilmente afastando-se para escapar do golpe paradigmático. (Weston, 1995, p. 91; tradução minha)

A cidade, o corpo e seus marcadores sociais da diferença

- 20 Diversos estudos etnográficos na antropologia urbana brasileira vêm enfatizando, a partir da década de 1970, a importância de pensarmos o tecido urbano como necessariamente entrecortado por associações e divisões simbólicas que remetem a marcadores de gênero, sexualidade, raça, classe etc.¹¹
- 21 Na noção de “guerra dos lugares”, formulada por Antonio Arantes (2000) a partir do conceito de liminaridade de Victor Turner (1967, 1974[1969]), o autor busca dar conta das disputas e tensões entre espaços considerados a partir de normatividades cotidianas, que se constroem com base em uma espécie de contratualidade, e espaços residuais nos quais operam práticas e pessoas que estão em situação marginal. Populações em situação de rua, prostitutas e michês¹², traficantes, usuários de drogas e, acrescentaria, pessoas LGBTQIA+ estariam todas produzindo um tipo de ocupação do espaço urbano que podemos chamar de dissidente.
- 22 O tema é clássico nos estudos sobre a cidade e remete a uma série de discussões da Escola de Chicago que se encontram, algo condensadas, na ideia de “regiões morais” de Robert Park, conceituadas como
- regiões onde prevaleça um código moral divergente, por ser uma região em que as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem suas raízes diretamente na natureza original do indivíduo. (Park, 1967[1925], p.67)
- 23 No intuito de “entender as forças que em toda cidade grande tendem a desenvolver esses ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões e os ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante”, Park (1967[1925], p.64) retoma o que chama de “fato ou teoria dos impulsos latentes dos homens”. A compreensão para ocupação dissidente de espaços que pluralizam o tecido urbano estaria associada, para ele, a uma propensão natural de “homens trazidos ao mundo com todas as paixões, instintos e apetites, incontrolados e indisciplinados” (Park, 1967[1925], p.64)
- 24 A conceituação de Park, no entanto, deu lugar, posteriormente, a concepções menos essencialistas de ocupação dissidente do espaço citadino, pois, fora a complicada ideia de natureza humana (anormal) que seria intrínseca a (alguns) sujeitos, tampouco podemos afirmar, salvo raras exceções, que uma determinada região geográfica metropolitana seja inteiramente tomada por esses sujeitos ou práticas, como sugere, ademais, o próprio Arantes (2000) ao falar sobre a Praça da Sé em São Paulo.
- 25 Dessa maneira, falar de territórios em guerra remeteria tanto às disputas internas entre grupos que ocupam determinado espaço quanto à relação tensa entre esses grupos e o próprio Estado como agente de uma violência que se dirige a esses corpos para tentar controlar essa ocupação ou, para usar as palavras de Arantes, conter a guerra – tema que retomarei na última seção do artigo.
- 26 No texto que escreve para a coletânea intitulada *Antropologia Urbana* (Velho, 1999), Maria Luiza Heilborn discute como os sentidos de sensualidade atribuídos ao Rio de Janeiro devido a sua configuração geográfica e clima tropical acabam por se cruzar com concepções de erotismo específicas na configuração de uma geografia sexual bastante particular. No entanto, para essa pesquisa, não se trata apenas de pensar de que maneira as cidades, culturalmente investidas de sentidos e socialmente legíveis,

propiciam e conformam uma geografia sexual própria, como nos sugere a comparação etnográfica entre Rio de Janeiro e Paris realizada por Michel Bozon e Maria Luiza Heilborn (1996).

- 27 Trata-se, igualmente, de tomar a cidade como um espaço no qual opera o que Jacques Rancière (2005[2000], p.15) chama de partilha do sensível, isto é, um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas”.
- 28 Do ponto de vista aqui adotado, esse caráter partilhado da cidade prescinde de uma noção de espaço homogêneo e estático, aproximando-se da ideia, explorada por Agier (2011[2009], p.28-29; itálico original), de que “[o] próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria de observação, das interpretações e das práticas de ‘fazer cidade’”.
- 29 As *famílias LGBT* se autointitulam *coletivos periféricos* e suas/seus integrantes, em geral, moram em regiões afastadas do centro expandido da capital paulistana. Esses lugares de moradia, contudo, são vistos por muitas/os como refratários às vivências sexuais e às expressões de gênero desses sujeitos que, valendo-se do anonimato relativo das grandes metrópoles¹³, migram para a região central de forma a viverem dores e amores pensados como impossíveis nas *quebradas*¹⁴ onde vivem.
- 30 Esses coletivos têm como lugar mítico de surgimento e lugar *antigo* de sociabilidade a região em torno do Largo do Arouche, no centro de São Paulo. Essa mancha¹⁵ é denominada por eles simplesmente de *Vieira*, em alusão à rua Vieira de Carvalho, historicamente associada à presença de bares, boates e espaços públicos de sociabilidade homossexual – como tão bem analisam Júlio Simões (2004) e Isadora Lins França (2006, 2012), outras referências incontornáveis no estudo antropológico sobre ocupações dissidentes do espaço urbano.
- 31 Em mesa de debates ocorrida durante a *Explode! Residency*¹⁶, Elvis explica que “a *Stronger* é um movimento brasileiro, é um movimento da periferia de São Paulo, do gueto de São Paulo”. A noção de gueto nessa fala está remetida às regiões periféricas, precarizadas e afastadas do centro da cidade das quais os integrantes da família migram para a *Vieira*, já que poucos integrantes da *Stronger* moram no centro da cidade. Mas quando adjetivado como *gay* ou *homossexual*, o *gueto* se refere inadvertidamente a essa região central.¹⁷
- 32 A noção de gueto homossexual, trabalhada inicialmente por MacRae (2005[1983]) e utilizada para pensar essa região, marca, tal como defendido por Simões e França (2005, p.310), “mais sua dimensão política e cultural, de ‘espaço público’, do que propriamente um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização”. Essa dimensão política está relacionada à presença de corporalidades dissidentes, já que muitos dos frequentadores da porção *gay* dessa territorialidade central são rapazes de classes populares, que não moram no Centro e ali se reúnem para tomar cerveja, dançar em alguma das várias boates ou simplesmente buscar possíveis parceiros sexuais, observando o movimento da rua. Com frequência, esses rapazes são chamados de “bichas quá-quá”, “bichas poc-poc”, “bichas um-real” – termos pejorativos, quase “categorias de acusação”, que pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e afeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal. (Simões; França, 2005, p. 317)

- 33 Nos últimos anos, essa região tem passado por uma série de transformações e tem se tornado um lugar constante de disputas que colocam diferentes modelos de cidade em tensão. Essas contendas envolvem particularmente processos de gentrificação urbana.¹⁸ A esse propósito, Puccinelli (2017) lembra que, em janeiro de 2014, a Federação e a Confederação Nacional do Turismo publicaram, em seu site, nota pública na qual afirmam:

O **Largo do Arouche** é uma das praças mais antigas e belas da cidade de São Paulo. Possui frondosas árvores centenárias, abriga importantes obras de arte, excelentes restaurantes, hotéis e vários comércios. Também uma base da Polícia Militar está locada neste patrimônio da nossa cidade, porém, impossibilitada de agir. Constantemente, a sua Prefeitura vem realizando benfeitorias no **Largo** e que rapidamente são destruídas pelos “sem teto” e tribos GLS¹⁹, que frequentam o local e o transformam em seus dormitórios, banheiros e motel a céu aberto. Recentemente foram colocados maravilhosos troncos de árvore, que logo viraram “dormitórios de luxo”. Hoje, o **Largo do Arouche** é um lugar decadente e que deve ser evitado. [sic] (negrito original na nota, apud Puccinelli, 2017, p. 138)

- 34 A polêmica deixa clara a existência de tensões em relação às formas de ocupação do espaço citadino consideradas como apropriadas e a produção de distinções sociais que legitimam ou buscam desautorizar essas ocupações por parte de grupos sociais específicos considerados a partir de marcadores de gênero, sexualidade, raça, classe e atitude corporal.
- 35 Tudo se passa como se as pessoas LGBTQIA+ que ocupam esse espaço não tivessem legitimidade para fazê-lo, dado que, do ponto de vista de uma determinada norma de estruturação e controle social das emoções e do corpo, não apresentam um comportamento considerado adequado ou civilizado, para lembrar as reflexões de Norbert Elias.
- 36 Em *A sociedade de corte*, Norbert Elias se ocupa em mostrar como se constrói um tipo de racionalidade que diz respeito a uma concepção específica do tratamento dado às emoções, do seu *locus* no processo de interação social e, conseqüentemente, de uma noção do corpo e de suas utilidades. Essa racionalidade se remete à atitude cortês e é, nas palavras de Elias, “uma planificação calculada do comportamento individual com vista a assegurar [...] ganhos de estatuto e de prestígio mediante um comportamento adequado” (1995[1969], p. 67). É importante observar que o comportamento adequado ensinado por essa racionalidade implica repressões que conduzem ao autodomínio da afetividade e a uma constante tensão relacionada a modos apropriados de atitude corporal na ocupação do espaço citadino.
- 37 Aqui também cabe lembrar que o espaço público não está dado, sendo, ao contrário, reiteradamente construído a partir de uma série de práticas performativas (Butler, 2015; Grunvald, 2019), o que implica também a existência de disputas que constroem um “povo” legítimo à ocupação desse espaço, cujas corporalidades são marcadas não apenas por um padrão cisheteronormativo, mas profundamente racializado e classista.

Os ativismos urbanos e os usos do espaço como marcador geracional

- 38 A tese de doutorado de Bruno Puccinelli (2017) sobre mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade explora diversos aspectos da relação entre

ocupação e ativismo urbano da *Stronger* e processos de gentrificação e *requalificação urbana*. No trabalho de campo realizado para a pesquisa, a *Stronger* aparece em suas imbricações não apenas com outras *famílias LGBT* e grupos de ativismo urbano – como o do projeto *#WikipraçaSP* –, mas também com o Estado e o mercado.

39 Os debates entre diversos coletivos ligados ao movimento social, ONGs, políticos, donos de estabelecimento e atores estatais sobre os rumos do *Largo do Arouche* culminou nas discussões e resistências, em 2017, à proposta surgida da associação do governo com empresas francesas que visavam transformar a área em um *boulevard*.²⁰

40 É importante, no contexto dessas reflexões, precisar que uma luta comum que pode, genericamente, ser qualificada como ativismo urbano não implica que os ativismos preconizados por distintos grupos sejam os mesmos ou tenham as mesmas inspirações, aspirações e valores. Em relato etnográfico de evento ocorrido no dia 24 de agosto de 2014, Puccinelli observa que:

A presença de pessoas que tinham vindo apenas para acompanhar o “#WikipraçaSP” criava um cenário desconfortável, com uma nítida organização: próximo aos organizadores do projeto, Bernardo, Gustavo e Júlia, um grupo diminuto de pessoas vestidas de forma mais sóbria destoava das centenas de jovens que, no geral, usavam roupas mais coladas ao corpo e mais coloridas. A forma de interação também facilitava a identificação desta divisão, sendo os jovens mais expansivos, barulhentos e com presença de rapazes afeminados e garotas masculinizadas, numa comparação geral. Só foi possível observar alguns destes jovens nas proximidades dos equipamentos utilizados pelo WikipraçaSP quando interagiam com Elvis [que, enquanto representante político, era o interlocutor da *família Stronger* com o projeto]. (Puccinelli, 2017, p. 164).

41 Por um lado, o termo ativismo urbano tem sido usado para pensar amplamente dinâmicas entre ocupação do espaço urbano e movimentos sociais os mais variados, indo desde as *jornadas de junho de 2013* e o *Movimento Passe Livre* até Autor0000-00-00T00:00:00Ao recifense *Ocupe Estelita*, passando pelas heterogêneas manifestações antiglobalização e os *Occupy* (Frúgoli Jr., 2018). Por outro lado, se os usos da cidade são práticas tanto espaciais quanto políticas (De Certeau, 2012[1994]; Frehse, 2009), é fundamental qualificarmos de qual ativismo estamos falando ao analisar essas disputas em torno do espaço urbano, atentando para quais corpos estão aí imbricados.

42 No âmbito das discussões recentes sobre ocupação dissidente do espaço urbano, a *Stronger* compartilha um movimento de luta com uma série de outros coletivos que também disputam um outro *direito à cidade* e são, assim como as *famílias LGBT*, compostos, em sua maioria, por pessoas jovens. Esta noção, elaborada por Henri Lefebvre no seu clássico *Le droit à la ville* de 1968, deixou, há muito, de ser um conceito analítico: passou para a arena política e desempenha um papel central na própria linguagem social de reivindicação do espaço urbano por grupos historicamente alijados do livre gozo do território e da livre circulação.

43 Criticada por se referir a “algo que já não existe”, por ser um “significante vazio”, quando se coloca em questão o direito à cidade, “tudo depende de quem lhe conferirá sentido” (Harvey, 2011, p. 42). Mesmo sem ler Lefebvre e orgulhando-se de não ter ou precisar de formação universitária para atuar no movimento social de *direitos urbanos* e moradia digna, Larissa Karla Montanhas, ativista do *Ocupe Estelita*, coletivo de Recife/PE, começa sua fala no evento *Ativismos e cidade: diálogos entre coletivos e universidade*²¹ pontuando que – contra um empreendimento imobiliário que tomaria o Cais José

Estelita, na bacia do Pina, no centro da cidade – realizaram uma ocupação que acabou por transformar os próprios rumos do coletivo que aí se formava.

- 44 Nesse cenário é que, segundo afirma, o grupo começou a adquirir feições de *movimento autônomo* que pautava “direito à cidade, direito à cidade pros pretos, direito à cidade pras gays, direito à cidade para as bi, para todo mundo, sabe? Não é só aquele direito à cidade para universitário, não é direito à cidade só para brancos, não é direito à cidade só para artistas”.
- 45 Assim, coletivos como *Ocupe Estelita* deixam latente algo que também podemos precisar em relação à *Stronger*: a análise da ocupação de espaços urbanos não pode prescindir de uma explicitação significativa dos corpos que ocupam ou são impedidos de ocupar esses espaços e das interações desses corpos não apenas com o espaço, mas com agentes sociais que envolvem, não raro, as esferas mercadológica e estatal.
- 46 Nesse sentido, os estudos urbanos não devem ser apenas, genericamente, politizados por uma referência abstrata à noção de ativismo, mas devem, igualmente, ser corporificados e levar em conta que os agentes desses ativismos não são os mesmos e, por vezes, podem ocupar lugares contraditórios ou mesmo contrapostos na arena pública.
- 47 Para fins de clarificação desse argumento, é possível contrapormos não apenas o tipo de ação e os posicionamentos levados a cabo pelos coletivos como a *Stronger* e o *#WikipraçaSP*, como faz, em certo sentido, Puccinelli (2017), mas ambos com o projeto *A Batata Precisa de Você*, desenvolvido pela arquiteta urbanista Laura Sobral, que, segundo explica em seu site, trata-se de
- movimento de ocupação regular do Largo da Batata [São Paulo - SP], que evidencia, por meio do urbanismo tático, os potenciais de ocupação da praça, prototipando mobiliário urbano e promovendo atividades culturais e de lazer, para pensar coletivamente alternativas de produção de cidade com a participação efetiva de seus cidadãos.²²
- 48 Concretamente, os “potenciais de ocupação” referidos por Sobral foram mais bem explorados por corpos brancos, cis-heteros e de classe média e o “mobiliário urbano” que buscou desenvolver para o Largo da Batata, importante lugar de mobilização social no bairro paulistano de Pinheiros, não levava em conta, inicialmente, as pessoas em situação de rua ou trabalhadores que ocupavam a praça, mas apenas os moradores daquele valorizado metro quadrado da cidade.²³
- 49 Em geral, o efeito dessas práticas – e aqui nenhum juízo cabe sobre as intenções de Sobral, pois não se trata desse caso particular – é uma higienização que acaba por expulsar corpos sexo-gênero dissidentes, racializados e precarizados do convívio – como, aliás, tem acontecido com o centro de São Paulo, onde esquinas antes ocupadas por travestis que se dedicam à prostituição agora viraram vitrines luminosas de lanchonetes *cool*. Toda diferença de mundo, portanto, como diria Guimarães Rosa, dessa empreitada com o ativismo urbano adiantado pela atuação das *famílias LGBT* – ou, por exemplo, pelo *Coletivo Arouchianos*²⁴ – em relação aos espaços citadinos.
- 50 Contudo, esta análise não objetiva apenas pensar a relação de integrantes da família com o espaço e ativismo urbanos. Mas, igualmente, refletir sobre a maneira como a ocupação e os usos da cidade se articulam com noções de juventude, *a nova geração* ou *os novinhos*, e senioridade, *os antigos* ou *da antiga*.
- 51 Em sua pesquisa sobre homossexualidade, consumo e subjetividade, França (2012) analisa a complexa lógica entre consumo do e no espaço, corpo e subjetividade em

- relação a marcadores de gênero e sexualidade. Sugere que é possível pensarmos homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens como formando uma espécie de comunidade imaginada (Anderson, 2008[1983]) que implica também a organização de espaços de sociabilidade que se distribuem no tecido urbano e são conformados ao mesmo tempo que conformam as identidades de seus frequentadores.²⁵
- 52 Tomada tanto em sua espacialidade (o consumo do lugar) quanto a partir dos produtos e serviços que oferece (o consumo no lugar), a *Vieira* tem sido um importante lócus não apenas de sociabilidade (Simmel, 1983), mas, junto com ela, de modelização²⁶ de uma determinada maneira de se vivenciar uma sexualidade impossível nas *quebradas* onde integrantes da *Stronger* moram e vivem suas vidas cotidianas.
- 53 A cidade é, sem dúvida, uma realidade cartográfica ao mesmo tempo espacial e simbólica impossível de ser entendida adequadamente sem uma consideração sobre as relações sociais que a compõem (Massey, 2005). Quando entrecortada por marcadores de gênero e sexualidade, o investimento social dos espaços dá origem a geografias particulares nas quais ruas como a *Vieira de Carvalho*, de assiduidade e forte presença LGBTQIA+, são transformadas em espaços de conforto e pertencimento, mesmo estando distante dos círculos territoriais mais próximos da vizinhança.²⁷
- 54 O espaço urbano, portanto, não é apenas um território ocupado e transformado pela ação humana ao longo do tempo, mas uma amálgama de relações sociais, aí incluídas relações espaciais e políticas. Além disso, os usos da cidade também operam marcações sociais específicas. Não apenas no que concerne às imagens e aos sentidos atribuídos a determinados espaços em virtude de uma ocupação corporal particular (como discuti acima a partir das noções de gueto e região moral), mas, também, gostaria de sugerir, na formação e delimitação de experiências geracionais distintas dentro de um grupo – no caso desta análise, dentro da própria *Stronger*.
- 55 Ainda na *Explode! Residency*, ao comentar sobre o extermínio de Laura Vermont, Elvis deixa claro que “a *Família Stronger* é um coletivo de jovens, periféricos, negros, pobres, favelados e miseráveis”. Questões relativas à maneira como violência e experiência urbana se entrelaçam no cotidiano de integrantes da família serão analisadas na próxima seção. Nesse momento, o que me interessa é pensar os sentidos da juventude à qual Elvis se refere nesse trecho e na maneira como é entrecortada por modelos geracionais relacionados a pertencimentos urbanos.
- 56 A região da *Vieira* ou *Arouche*, discutida anteriormente, dado seu caráter histórico de ocupação por corpos LGBTQIA+, se apresenta, como foi dito, também como lugar mítico de surgimento das famílias em sua configuração atual, isto é, como *famílias LGBT*. É nesse espaço que essas famílias, no início dos anos 2000, interagem e que muitas delas se criaram, inclusive a própria *Stronger*.
- 57 Em relação à *Stronger*, as distintas ocupações da cidade funcionam também como marcadores de geração dentro da *família*. Elvis, na tentativa de nos indicar uma determinada geografia de ocupação espacial da *juventude LGBT periférica*, nos explica que, “antigamente as pessoas se reuniam na *Vieira*, mas hoje preferem o [parque] *Íbira*[puera], o vão do MASP ou a *Augusta* pra ferver à noite”.
- 58 De alguma maneira, portanto, a *Vieira* – como centralidade (Frúgoli Jr., 2000) própria ao enquadramento socioespacial da experiência desses jovens – passa a conviver com outras centralidades que, então, marcam pertencimentos geracionais distintos. Nesse cenário, é possível notar como a memória de ocupação da cidade é fundamental para

- compreender as dinâmicas de organização do espaço urbano próprias da *família*, entendida não apenas como fenômeno sincrônico, mas em sua diacronia.
- 59 A análise do material proveniente do trabalho de campo com a *Família Stronger*, nesse sentido, não pode prescindir de interrogações sobre como a memória constitui cidade e produz, no seio dessas narrativas, espaços comuns e recortes próprios que operam, como foi sugerido, a partir de marcadores sociais os mais diversos como sexualidade, classe, geração etc. Daí a importância, para essa pesquisa, de narrativas de memória construídas a partir do dispositivo audiovisual, com suas investigações *in loco* e entrevistas, para entender qual cidade emerge desses conjuntos de interações e sentidos construídos coletivamente.²⁸
- 60 A noção de projeto, desenvolvida por Gilberto Velho (1994) a partir de Alfred Schultz, parece-me apropriada para entender de que maneira a alcunha *jovem periférico* também funciona não apenas como marcador social de subalternidade ou marcador territorial de pertencimento, mas configura, igualmente, a construção de uma posição estratégica em um campo de possibilidades de ação social e política.
- 61 O conceito de projeto, como instrumento privilegiado à análise de trajetórias coletivas e individuais, bem como à articulação de discursos identitários, nos permite vislumbrar, por exemplo, como o próprio Elvis, ao ocupar o lugar de *representante político da família*, modela uma “conduta organizada para atingir finalidade específicas” (Velho, 1994, p. 40).
- 62 Adicionalmente, é importante levarmos em conta que, se do ponto de vista da coletividade entendida como *Família Stronger*, todas são parentes e pertencem igualmente ao grupo, o mesmo não se verifica quando cruzamos esse pertencimento com a noção de projeto, inclusive coletivo.
- 63 Tal como discutirei mais adiante, alguns eventos acabaram por precipitar uma crescente politização de algumas *famílias LGBT*, dentre elas *Stronger*, *D’Matthah* e *Vallentyne Lawiny*. Contudo, essa crescente politização e a consequente disputa pelo acesso aos lugares de ação institucionais, como os Conselhos Municipais LGBT²⁹, não é, necessariamente, um projeto compartilhado.
- 64 Como exposto acima, nos anos 2010, houve um aumento das disputas em relação aos modelos de ocupação urbana em torno do *Arouche*. Emicamente, o termo *luta* é aquele acionado para pensar o engajamento desses coletivos nos processos de *requalificação urbana* que passam a ser centros intensos de disputa entre atores governamentais, de mercado, ONGs e sociedade civil amplamente ou grupos de ativismo de forma mais particular.
- 65 Contudo, a atuação das *famílias LGBT* enquanto *luta*, internamente, disputa importância, pelo menos na *Stronger*, com outro importante sentido associado a essas famílias, o *ferro* – noção que pode ser amplamente referida como sociabilidade direcionada ao lazer, à interação e à festa.³⁰
- 66 Lembremos que a taxonomia construída por Elvis Stronger (2016) não inclui a noção de *famílias da noite* que, diversas vezes, aparece dita por ele como sinônimo de *famílias LGBT*, o mesmo replicado por Puccinelli (2017). A associação da coletividade à noite é referência não a um momento temporal cronológico. Tampouco é apenas tempo, mas também espaço. As ruas do centro estendido de São Paulo (*Vieira* ou *Augusta*) movimentadas por ternos-gravatas e *tailleurs* durante o horário comercial, passado o crepúsculo, dão lugar a pessoas imprevistas durante os turnos matutino e vespertino

com suas indumentárias provocantes e seus gestos pouco modestos. Não apenas uma outra temporalidade, mas uma outra espacialidade: aquela que inclui esses corpos espalhafatosos, sensuais e, quiçá, em estado alterado de consciência.³¹

- 67 Assim, Elvis – um dos *antigos*, tanto pelo tempo que já faz parte da família quanto pela liderança que passou a ocupar³² – reconhece, inadvertidamente, a associação inextricável entre *famílias LGBT* e sociabilidade noturna marcada pelo *fervo* nos bares, boates, mas também nas ruas do centro de São Paulo pelo qual circulam integrantes *novinhos* da família.
- 68 Dessa maneira, longe de considerar a *Stronger* como bloco homogêneo, devemos atentar para o fato de que, por um lado, todos são *juventude periférica preta*. Por outro, contudo, os *novinhos*, aqueles que não viveram o início do processo de constituição das famílias na disputa pela ocupação do espaço central da cidade, passam também a criticar uma crescente politização das famílias ao argumentar que *perderam sua essência*, isto é, que deixaram de proporcionar espaços e encontros nos quais pudessem *ferver*, divertir-se e interagir livremente, bebendo e dançando juntas.
- 69 Enquanto os *antigos*, portanto, pertencem a um grupo dessa *juventude* que está associado tanto a um marco temporal (o início das *famílias LGBT* das quais fazem parte) quanto a um marco espacial (a *Vieira*) específicos, os *mais novinhos* migram para outros lugares da cidade como o Parque *Ibirapuera*, o vão livre do *MASP* e Rua *Augusta* em busca de espaços nos quais possam exercer o *fervo* que tanto almejam.
- 70 Dessa maneira, noções específicas de temporalidade e espacialidade são articuladas com usos particulares do espaço urbano na delimitação de sentidos geracionais internos à própria família, entendida como *coletivo de jovens*. Por outro lado, esse cruzamento também permite que nos afastemos de uma visão monolítica desses coletivos, pensando melhor esses agrupamentos como a coalização de projetos distintos, mas convergentes de atuação social e urbana.

O espaço urbano e a violência de Estado contra pessoas LGBTQIA+

- 71 Por fim, gostaria de tratar da relação entre a violência de Estado contra corpos dissidentes e a ocupação do tecido urbano. Argumento que essa relação é paradoxal ou, antes, aponta para dois processos contrapostos, mas simultâneos: se, por um lado, é no espaço citadino que esses corpos encontram possibilidades de associação e vivência de suas identidades sociais, por outro, a experiência na cidade também aparece associada à violência sempre latente contra seus corpos.
- 72 O protagonismo e o acesso de Elvis ao ativismo político LGBTQIA+ se deu a partir desse lugar de *negro gay periférico* cuja luta se direciona não apenas a questões relacionados à *LGBTfobia*, mas igualmente, à maneira como as *pessoas periféricas* são investidas diferencialmente de poder e legitimidade, inclusive dentro da própria comunidade LGBT.
- 73 Adicionalmente, é o projeto construído por Elvis a partir dessa perspectiva que, em muitos sentidos, direciona a própria transformação da *Stronger*, na medida em que, ao longo dos últimos anos, essa família, como argumentei anteriormente, passa por um forte processo de politização.

- 74 Os momentos-chave do processo de politização e maior participação política de Elvis e da família são marcados por cenas de violência urbana e de Estado que ganharam visibilidade tanto entre ativistas quanto nos meios de comunicação de massa. O primeiro episódio é o suposto suicídio de Kaique Augusto dos Santos, membro da *Família Vallentyne Lawiny*, que foi encontrado, no dia 11 de janeiro de 2014, sob o viaduto Nove de Julho no Centro de São Paulo. A despeito da tentativa dos laudos policiais e do Instituto Médico Legal tentarem construir o fato como suicídio, a família, após ver o corpo, denunciou o ocorrido como assassinato.
- 75 Como aponta Bruno Puccinelli (2017), os protestos que envolveram a morte de Kaique revelaram as lideranças das *famílias LGBT* como atores que disputam espaço político e competem pela presença em lugares de diálogo institucional com o poder público, como nos conselhos estadual e municipal LGBT e nos conselhos de juventude e de saúde. Nesse contexto, também se dão alianças que envolvem o apoio oficial dessas lideranças a candidaturas de vereadores ou deputados. (Puccinelli, 2017, p. 140)
- 76 Se a pesquisa que o próprio Elvis desenvolve sobre as *famílias LGBT* estende sua imaginação social até os idos da ditadura militar no Brasil é porque, como explica, a violência contra pessoas LGBTQIA+ nesse momento fez com que muitas se reunissem em grupos para se defender desta que era produzida tanto por uma sociedade civil fundamentalmente cis-heteronormativa quanto pelo Estado através de seu braço armado, a polícia.
- 77 Lembremos a famigerada “Operação [policial] Tarântula”, também conhecida como “Operação Richetti”, que teve início em 27 de fevereiro de 1987 na cidade de São Paulo e que tornou-se conhecida ao perseguir pessoas LGBTQI+, especialmente travestis e transexuais no centro de São Paulo. No relatório da *Comissão Nacional da Verdade*, consta que a partir dos Termos de Declarações colhidos das travestis com informações sobre profissão, ganho mensal, gastos com hormônios e aluguel, além das imagens já referidas, Guido Fonseca fez uma série de estudos criminológicos com esse segmento que ele caracteriza como perversão. Essas “rondas” comandadas por José Wilson Richetti, chefe da Seccional de Polícia da Zona Centro desde maio de 1980, tinham por objetivo “limpar” a área central da presença de prostitutas, travestis e homossexuais” (Brasil, 2014, p. 309).
- 78 Segundo Perlongher (1987, p.96-7), do ponto de vista policial, os objetivos desta operação estavam claros: “propunha-se a ‘limpar’ – ainda que não ‘extirpar’ – as Bocas [de lixo e luxo] da cidade. Embora o aumento da criminalidade (sobretudo trombadinhas) fosse invocado como escusa para as operações [...] era explícito que os inimigos principais eram os travestis [sic] e, em segundo lugar, as prostitutas”.
- 79 No caso das famílias, foi o assassinato de Kaique, rapaz cis e gay, que produziu a primeira comoção coletiva entre as *famílias LGBT* que passaram a fazer manifestações de rua. Em relato etnográfico produzido por Puccinelli, o autor revela o clima que pairava sob esses atos: Muito emocionados, abraçados entre si e chorando frente à menção do nome de Kaique, os jovens acenderam velas, rezaram e seguiram até o edifício da prefeitura onde se localizava a SMDH e à superintendência da Polícia Militar, entidade que primeiro teve contato com o corpo e abriu o Boletim de Ocorrência. Dentre os jovens que lideravam o grupo, cito os “pais” das “famílias LGBT” Vallentyne Lawiny, Douglas Vallentyne, e Elvis Stronger, da “família Stronger”. (Puccinelli, 2017, p.141)

- 80 A partir desse momento, passaram a ocorrer frequentes manifestações, em maior ou menor grau, que visavam denunciar que, a despeito de uma ocupação histórica do centro da metrópole paulistana por corpos LGBTQIA+, esse espaço e o tecido urbano ainda se apresentavam como lugar marcado pelo exercício de uma necropolítica (Mbembe, 2016[2003]) que é difundida amplamente em direção a essas pessoas, ainda que permita (seletivamente) a vivência de sexualidades e expressões de gênero dissidentes no horizonte social da imaginação metropolitana.
- 81 Posteriormente, no dia 20 de junho de 2015, o assassinato também brutal de Laura Vermont, *travesti* de 18 anos integrante da *Stronger*, produziu outra série de protestos políticos e demonstrações de repúdio à violência contra os corpos LGBTQIA+ que parecem não poder ocupar o espaço citadino sem sofrerem algum tipo de sanção disciplinadora.
- 82 Há aí uma certa noção de disciplina, pois, assim como o famoso martírio de Damien (Foucault, 1987[1975]), o caráter público da violência serve como uma espécie de aviso a outros corpos sobre as possíveis consequências de suas existências sociais indesejadas. Essa aproximação é feita pela transfeminista Helena Vieira ao falar sobre outro caso brutal de violência contra a *travesti* Veronica Bolina, ocorrido poucos meses antes do extermínio de Laura.
- Parece que a necessidade de espetacularizar a violência, como forma de aniquilar, antes da morte física, o sujeito, continua a mesma, pois a imagem de Verônica despida, desfigurada e nua *viagrou* pela internet. A cena de sua humilhação repercutiu imensamente.
- 83 E, continuando o paralelismo, a autora lembra que, no século XVII,
- os suplícios não serviam para ‘corrigir’ ou ‘punir’ as vítimas, mas para avisar a todos os outros cidadãos que poderiam ser eles a estar naquele lugar. [...] A encenação pública servia como um teatro. Um espetáculo de violência. E o caso de Verônica não é diferente, ali a polícia diz claramente como tratará as travestis que ousarem contestá-los.³³
- 84 Laura Vermont foi espancada por cinco homens, na Zona Leste de São Paulo, próximo de onde residia com sua família. Ensanguentada, após tentar pedir socorro para o motorista de um ônibus, transeuntes e em um bar, não foi acolhida por ninguém. A polícia foi chamada e, chegando ao local, os policiais, ao que tudo indica, dispararam um tiro contra Laura. Os policiais foram identificados como Ailton de Jesus, de 43 anos, e Diego Clemente Mendes, de 22 anos. O laudo do Instituto Médico Legal acusou a causa da morte como traumatismo craniano, em decorrência da brutalidade dos golpes deferidos contra Laura por Basten Bizarrias de Jesus, Iago Bizarrias de Deus, Jefferson Rodrigues Paulo, Bruno Rodrigues de Oliveira e Wilson de Jesus Marcolino.
- 85 O caso foi amplamente divulgado pela mídia, mas, a despeito do vídeo que mostra Laura desorientada e ensanguentada pedindo ajuda e ao contrário das imagens chocantes de Veronica Bolina desfigurada, a atuação política intensa em *busca de justiça*, seja da família consanguínea de Laura, seja de sua *família LGBT*, a *Stronger*, fizeram com que essa publicização operasse outros sentidos a seu assassinato.
- 86 Aqui cabe lembrarmos como Audre Lorde (1981) retoma a raiva como afeto de passagem que, para além de perspectivas normativas, não possui apenas caráter negativo, mas serve, diversamente, como ponto de construção de um outro tipo de ação social que opera para além ou aquém dos grilhões sociais impostos pela branquitude e,

poderíamos acrescentar, pela cis-heteronormatividade como modelos políticos de existência e comportamento social desejados.

87 E não apenas entre “iguais”. Zilma Vermont, mãe consanguínea de Laura, se tornou, a partir do extermínio de sua filha, uma importante ativista contra as violências direcionadas a corpos LGBTQIA+, integrando, posteriormente, o grupo *Mães pela Diversidade*, pois, segundo argumenta em entrevista, “viverei pela minha filha”³⁴. O único Centro de Cidadania LGBTI da Zona Leste foi nomeado Laura Vermont em sua homenagem.³⁵

88 Tanto o assassinato de Kaique quanto o de Laura são eventos que, para retomar as considerações de Veena Das (2007) utilizadas por Vianna e Farias (2011) para refletir sobre dor e política em situações de violência institucional,

trazem para a cena pública, como capital primordial, a história de suas relações, narrada sempre a partir de um evento extraordinário que interrompeu o que se imaginava ser o curso natural dessas relações (Das, 2007), que levou investimentos morais e afetivos profundos e que reformulou o próprio sentido de tempo que se tinha antes, agora marcado não só por uma data inesquecível, mas pela penosa sensação de esperar por uma reparação pública que quase nunca chega. (Vianna e Farias, 2011, p. 84).

89 Ademais, esses casos, no âmbito das *famílias LGBT*, foram catalizadores de um processo de politização sem precedentes, pois, como afirma Renato:

Quando aquela transexual, a Laura Vermont, morreu, fizeram um protesto no largo do Arouche e a Família Stronger estava junto lá. Foi o dia que eu entendi o que é militância, é você lutar por uma luta que não é sua. Que não deveria ser sua, mas você pega como sua. É comigo sim, um dia pode ser eu. E será que alguém gritaria por mim se fosse eu?³⁶

90

91 Para retomar algumas discussões de Judith Butler (2015[2009]), é possível pensarmos, portanto, as demonstrações de luto e indignação diante da violência contra esses corpos como uma espécie de restituição de sua humanidade. A politização que surge a partir daí, por outro lado, como deixa evidente a fala de Renato, parece apontar também para a construção de uma coletividade que opera no reconhecimento de uma precariedade compartilhada (Butler, 2004; Butler e Athanasiou, 2013).

92 O fato é que, para além de qualquer análise fácil da atuação da *Família Stronger* em particular e das *famílias LGBT* em geral, no cenário de agências do espaço citadino paulistano, esses *juvens periféricos* operam um tipo de ocupação urbana que, além de marcar sentidos próprios a partir de usos específicos, também se apresenta como construção de reXistência possível num cenário de constante disputa e conflito em relação ao qual suas subjetividades são duplamente remodeladas e modeladoras.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011 [2009].
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008[1983].
- ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares. In: _____. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.
- BENITES, Luiz Felipe. Cultura e reversibilidade: breve reflexão sobre a abordagem inventiva de Roy Wagner. *Campos*, 8(2), 2007, p.117-130.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. Les caresses et les mots: initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris. *Terrain*, Paris, n.27, p. 37-58, 1996.
- BRASIL. *Relatório: textos temáticos. Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV, 2014.
- BULGARELLI, Lucas. [ALERTA TEXTÃO] - Estratégias de engajamento do movimento LGBT de São Paulo em espaços de interação online e offline (2015-2016). Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2018.
- BUTLER, Judith; ATHANASIOU, Athena. *Dispossession: the performative in the political*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BUTLER, Judith. *Notes toward a performative theory of assembly*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2015.
- BUTLER, Judith. *Precarious life*. London, New York: Verso, 2004.
- BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015[2009].
- CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012[1994].
- CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos PAGU*, vol.16, p.13-30, 2001.
- DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno. *Revista USP*, v.42, p.70-83, 1999.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Illuminuras*, vol.2, n.4, p-2-18, 2001.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Estampa, 1995[1969].
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995[1991].

- FONSECA, Claudia. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. (Ed.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- FOUCAULT, Michel. 1987[1975]. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2006.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- FREHSE, Fraya. “Usos da rua”. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (Orgs.) *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 151-170.
- FRÚGOLI JR., Heitor. Ativismos urbanos em São Paulo. *Caderno CRH*, vol.31, n.82, 2018, p.75-86.
- FRÚGOLI JR., Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- GINSBURG, Faye; RAPP, Rayna. Introduction. In: _____. (ed.). *Conceiving the New World Order*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- GRUNVALD, Vitor. “Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público”. *Horizontes Antropológicos*, n.55, 2019.
- GRUNVALD, Vitor. *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GUATTARI, Félix.. 2001[1989]. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus.
- HARVEY, David. 2011. *Le capitalisme contre le droit à la ville. Néolibéralisme, urbanisation, résistances*. Paris: Éditions Amsterdam.
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto (Ed.). *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *Le droit à la ville*. Paris: Eco-nomica/Anthropos, 2009.
- LORDE, Audre. *Sister outsider: Essays and speeches*. Berkeley: Crossing Press, 1981
- MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005[1983].
- MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, n.49, p.11-29, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, n.49, 2002, p.11-29.
- MAGNANI, José Guilherme. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998 [1984].
- MASSEY, Doreen. *For Space*. Sage: Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC, 2005.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n.32, p.123-51, 2016[2003].
- MOODY, H. R. Overview: What is Critical Gerontology and Why is it Important?. In: COLE, Thomas R. Cole et al. (Orgs.). *Voices and Visions of Aging – Toward a Critical Gerontology*. New York: Springer Publishing Company, 1993.

- PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967[1925].
- PERLONGHER, Nestor. "Territórios Marginais". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- PERLONGHER, Nestor. O contrato da prostituição viril. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol.37, n.2, p.94-105, 1985.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- PUCCELLI, Bruno. "Perfeito para você, no centro de São Paulo": mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. Tese de Doutorado, Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005[2000].
- RUBINO, S. Enobrecimento Urbano. In: FORTUNA, C.; R. P. LEITE (Ed.). *Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SAHLINS, Marshal. *What kinship is – and is not*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2013.
- SCHENEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984.
- SCHENEIDER, David. *American kinship. A cultural account*. Chicago, London: 1968.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: FILHO, E. M. (Ed.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Ed.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Ed.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- STRATHERN, Marilyn. 1987. "The Limits of Auto-Anthropology". In A. Jackson (ed.) *Anthropology at Home*. London: Tavistock Publications.
- STRONGER, Elvis. Quem manda na noite. Vivência em uma família LGBT. *Geni*. Revista eletrônica, 2016. Disponível em: <http://revistageni.org/03/quem-manda-na-noite/>. Acessado em 05/04/18.
- TURNER, Victor. *Between and Between: the liminal period in Rites of Passage*. In: _____. *The forest of symbols*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967.
- TURNER, Victor. *The Ritual Process*. Middlesex: Penguin Books, 1974[1969].
- UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam Pillar (Ed.). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam Pillar. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. *Revista de Estudos Feministas*, v.14, n.2, p.481-87, 2006.
- VELHO, Gilberto; MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. *Anuário Antropológico 76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. *Cadernos PAGU*, vol.37, 2011, p.79-116.

VIEIRA, Helena. Verônica Bolina: o espetáculo da violência e do descaso. 2015. Revista Fórum. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/19/veronica-bolina-o-espetaculo-da-violencia/>. Acessado em 30/07/17.

WAGNER, Roy. 1981. *The Invention of Culture*. Chicago: The University of Chicago Press.

WESTON, Kath. *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. New York: Columbia University Press, 1992.

NOTAS

1. Utilizo itálico para grafar expressões êmicas tal qual são utilizadas pelas interlocutoras dessa pesquisa.
2. Em geral, era como ativista e integrante do coletivo a(r)tivista Revolta da Lâmpada que eu navegava nesses espaços, mais do que como acadêmico ou pesquisador. Para algumas reflexões sobre essa relação entre academia, ativismo e política, cf. Correa (2001), Fachini (2005), Vergueiro (2015), Grunvald (2019).
3. De fato, tanto o trabalho de campo quanto a pesquisa antropológica com a *Família Stronger* são indissociáveis de um projeto de documentário de narrativa transmídia que desenvolvemos a partir daí, já que fazem parte dele. O documentário inclui produções e táticas documentais diversas que vão desde curtas a longas-metragens, videoinstalações, diagramas digitais, webdocumentário etc. Cf. <http://www.familiastronger.com/filme/>
4. Para a relação de conhecimento como uma metarrelação entre pontos de vista, cf. Strathern (1987).
5. Cf. <http://revistageni.org/03/quem-manda-na-noite/>. Acessado em 05/04/18.
6. Número do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, por contraposição ao CPF que é Cadastro de Pessoas Físicas.
7. Para o processo de “onguização” do movimento social relacionado a questões de gênero e sexualidade ao qual me refiro, cf. Fachini (2005).
8. O *Consulado das Famílias* (<https://www.facebook.com/consuladolgbt/>) foi formalmente criado em 04 de abril de 2014 e participou, enquanto *ativistas*, com uma tenda na Feira da Diversidade daquele ano, evento que precede a realização da Parada do Orgulho LGBT. Em seu site (<http://consuladolgbt.blogspot.com.br/p/o-consulado.html>, acessado em 25/03/2018), informa que “[o] Consulado das Famílias LGBT e Aliados [...] é uma articulação política do movimento das Famílias LGBT e Aliados, que atua na defesa dos direitos humanos, que reúne Pessoas LGBT, Jovens, Adolescentes e Aliados, Ativistas ou não”. A *Família Stronger* estava na fundação do *Consulado*, mas deixou de participar de suas atividades em 2015 por “discordância política”, segundo afirmou Elvis em consulta por *Whatsapp* em 04/04/2018, retornando apenas no fim de 2017 porque “o consulado é um órgão que criamos muito representativo”.
9. Cf., por exemplo, Ginsburg e Rapp (1995).
10. Nas últimas décadas, é possível também observar um movimento de combinação entre novas tecnologias reprodutivas e novas formas de parentalidade, especialmente relacionada a pessoas LGBTQIA+, na constituição de inesperados laços biogenéticos entre núcleos familiares distintos:

uma mãe que empresta o útero ao óvulo inseminado artificialmente com espermatozoide do companheiro do filho, uma mulher lésbica que gesta, em seu próprio útero, o óvulo de sua companheira, também inseminado a partir de material genético escolhido em bancos de esperma.

11. Para um estudo audiovisual sobre questões formativas do campo da antropologia urbana brasileira, cf. a série *Narradores Urbanos*, produzida por pesquisadoras/es do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev) da UFRGS. (disponível em: https://www.ufrgs.br/biev/?page_id=2364, acessado em 21 de abril de 2018).

12. Nome comumente utilizado para se referir a garotos de programa, isto é, a homens que se prostituem. Para um magistral estudo de antropologia urbana sobre michês, cf. Perlongher (1987).

13. Sobre esta questão, Gilberto Velho e Luiz Antônio Machado da Silva (1977 apud Velho, 2000, p. 19-20) propuseram que “o caráter altamente diferenciado da organização da produção nas grandes cidades da sociedade industrial, com o seu gigantismo paralelo, vai gerar a possibilidade de um anonimato relativo que parece ser peculiar. [...] O que seria característico, então, da grande metrópole é a possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estanques. Isto é o que seria anonimato relativo. Não seria absoluto, exatamente porque a própria mobilidade que, de um lado favorece o deslocamento do indivíduo entre diferentes meios sociais, dificulta a existência de áreas exclusivas”.

14. *Quebrada* é categoria êmica muito utilizada na zona metropolitana de São Paulo para se referir à periferia. No entanto, para a pessoa que enuncia, o termo é também utilizado de forma a marcar pertencimento como nas expressões “sou da quebrada” ou “lá na minha quebrada”. Nesses casos, a marcação não seria o caráter periférico espacial ou socialmente imaginado, mas sim a proximidade afetiva e o conforto social que dele emanam.

15. Manchas são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades.” (Magnani, 2002, p.22).

16. Nas palavras dos próprios organizadores, “Explode! Residency foi uma imersão-residência de onze dias (entre 23 de agosto e 2 de setembro de 2016), em uma casa na Zona Leste de São Paulo, localizada na Vila Nova York, onde Cláudio Bueno morou até os 22 anos e seus pais até quatro anos atrás. A residência fez parte de uma série de eventos do projeto Cidade Queer.” Cf. <http://www.explode.life/#residency>. Acessado em 02/06/2020.

17. De fato, tal como sugerido por Frúgoli Jr. (2000), seria mais preciso pensar em termos de centralidades no plural quando se estuda a dinâmica urbana da metrópole paulistana.

18. Para algumas considerações recentes sobre esse tema, cf. Frúgoli Jr. (2000) e Rubino (2009).

19. Acrônimo de gays, lésbicas e simpatizantes, terminologia bastante utilizada até início dos anos 2000 para falar de espaços de sociabilidade e frequência LGBT, mas hoje francamente em desuso (Simões; França, 2005; França, 2006).

20. Cf, por exemplo, <http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/revitalizacao-do-arouche-e-debatidana-camara/>. Acessado em 26/05/2020.

21. O evento *Ativismos e cidade: diálogos entre coletivos e universidade* ocorreu em setembro de 2016 no Centro de Pesquisa e Formação (CPF-SESC) em São Paulo em parceria com o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP). Cf. <http://>

centrodepesquisaeformacao.secsp.org.br/atividade/ativismos-e-cidade-dialogos-entre-coletivos-e-universidade. Acessado em 20/05/2020.

22. Cf. <https://www.laurasobral.com/>. Acessado em 26/05/2020.

23. O que, é importante frisar, parece ter mudado ao longo do próprio projeto desenvolvido por Laura Sobral.

24. O *Coletivo Arouchianos* é composto por pessoas LGBTQIA+ que moram e/ou frequentam a região do Arouche e que se uniram para realizar uma série de ações e discussões sobre os rumos urbanos da região que ocupam. Cf. <https://www.facebook.com/Arouchianos/>. Acessado em 26/05/2020.

25. De fato, em termos numéricos, há mais gays que lésbicas, bissexuais e travestis/transsexuais na *Família Stronger*. Ainda que, nem de perto, essa proporção seja parecida com a de algumas outras famílias LGBTs como a *Família D'Matthah* (https://www.facebook.com/search/top/?q=familia%20d%27%20matthah&epa=SEARCH_BOX). Para essas informações sobre a composição das famílias, cf. a *live* realizada pelo *Consulado das Famílias LGBT* com Elvis e Fuh Miguel, pai da *D'Matthah*. Disponível em: <https://www.facebook.com/dmatthah/videos/2575860059181191/>. Acessado em 02/06/2020.

26. Para a utilização que faço do termo de modelização, inspirado em Félix Guattari (2001[1989]), cf. Grunvald (2016).

27. Para elaborações sobre vizinhança, cf. Magnani (2002). Para relações entre investimento do desejo e investimento social do espaço, cf. Perlongher (1985, 1987, 2005) e Grunvald (2016).

28. Como sugerem Eckert e Rocha (2001, p. 14), no estudo do mundo urbano contemporâneo, devemos proceder “à interpretação dos seus fenômenos culturais a partir do estudo da memória coletiva, das lembranças e reminiscências ‘históricas’ dos seus habitantes e do arranjo espacial das formas de vida social apresentadas por eles em seu cotidiano ao longo do tempo.”

29. Sobre os Conselhos Municipais LGBT cf. Bulgarelli (2018).

30. Para uma clássica discussão sobre importância do lazer nas formas de organização urbana entre grupos sociais, cf. Magnani, (1998[1984]). Para discussões sobre “ferro e luta”, cf. Grunvald (2019).

31. Heterogêneas como são, há ainda uma certa transversalidade libidinal que atravessa essas atípicas unidades espaço-temporais às quais me refiro. Como tão bem explora Perlongher (1985, p.96) “Há uma espécie de contiguidade entre os diversos tipos de marginais urbanos que perambulam pela ‘região moral’. Num mesmo espaço coexistem marginalidades que remetem a transgressões da ordem da propriedade (como delinquentes comuns) com outras que remetem a transgressões da ordem da moral (como os afeitos às diversas formas da sexualidade promíscua ou extraconjugal). O peso da lei - representado pela intervenção policial, outra das constantes da área - costuma cair sobre ambas as formas de marginalidade. Essa contiguidade é argumentada pelo discurso policial para justificar a repressão contra os perversos sexuais. Isso repousaria numa relação de fundo entre homossexualismo e delinquência, já assinalada por Hocquenghem (1980), e que seria uma relação estrutural entre poder policial e dispositivo da sexualidade, conforme análise de Michel Foucault (1977)”.

32. Os sentidos geracionais operados na e pela *Stronger* estão muito mais próximos da maneira como Oyèrónkẹ Oyèwùmí, na obra *The Invention of Women* (1997), trabalha a questão da senhoridade do que de qualquer sentido tradicionalmente pensado como cronológico - algo que não tenho como analisar nos limites desse texto.

33. Cf. <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/19/veronica-bolina-o-espetaculo-da-violencia/>. Acessado em 30/06/2017.

34. Cf. <https://br.noticias.yahoo.com/viverei-pela-minha-filha-diz-mae-de-laura-vermont-mulher-trans-assassinada-ha-4-anos-174433068.html>. Acessado em 03/06/2020.

35. Cf. <https://www.facebook.com/cclgbtilestesp/>. Acessado em 03/06/2020.

36. Cf. o videorretrato de Renato Chagas, integrante da *Stronger*, realizado no âmbito do projeto de documentário de narrativa documental transmídia Família Stronger (<http://www.familiastronger.com>)
.com/).

Para mais informações sobre o caso da Laura, cf., adicionalmente, o videorretrato que leva seu nome e foi realizado com sua família consanguínea.

RESUMOS

Esta análise busca explorar etnograficamente questões relacionadas à Família Stronger, coletivo LGBTQIA + da periferia de São Paulo. *Famílias LGBT* como a Stronger surgem no bojo de um processo de ocupação e deslocamento dissidente no espaço urbano da metrópole paulistana, especialmente a partir do fim do século XX. No âmbito de uma longa pesquisa etnográfica com essa família, exploro alguns de seus caminhos na construção de laços políticos relacionados à vivência cidadina, inclusive em sua relação com outros coletivos. Argumento que a ocupação de determinados espaços opera como fator importante na constituição de sentidos geracionais dentro do grupo. Por fim, analisando dois casos distintos de assassinato de adolescentes que representaram nós cruciais no processo de politização das famílias LGBT e detonam uma ocupação específica do espaço público, reflito sobre como a participação política da Família Stronger é Autor0000-00-00T00:00:00Aconstruída em relação à violência contra corpos LGBTQIA+ nos espaços citadinos.

This analysis seeks to explore ethnographically issues related to the Stronger Family, an LGBTQIA + collective from the periphery of São Paulo. LGBT families like Stronger emerge in the midst of a process of dissident occupation and displacement in the São Paulo metropolitan urban space, especially since the end of the 20th century. In the scope of a long ethnographic research with this family, I explore some paths of the family in the construction of political ties related to the city experience, including its relationship with other collectives. I argue that the occupation of certain spaces operates as an important factor in the constitution of generational meanings within the group. Finally, analyzing two distinct cases of murder of adolescents that represented crucial nodes in the process of politicizing LGBT families and detonated a specific occupation of public space, I reflect on how Stronger Family's political participation is built in relation to violence against LGBTQIA+ bodies in city spaces.

ÍNDICE

Keywords: stronger, lgbt family, urban space, generation, dissident occupation

Palavras-chave: stronger, família lgbt, espaço urbano, geração, ocupação dissidente

AUTOR

VITOR GRUNVALD

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: vgrunvald@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8299-6830>